



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

O JORNALISMO ALTERNATIVO COMO FONTE HISTÓRICA: CONHECENDO O CHAPADA DO CORISCO

Marcela Miranda Félix dos Reis*

1

Conjuntamente as ações repressivas que marcaram o período ditatorial no país, o jornalismo brasileiro presenciou o surgimento de inúmeros veículos de comunicação intitulados como alternativos que tinham como bandeira de luta a resistência e o compromisso social. Com eles, fatos ganharam novas versões e informações antes censuradas obtiveram espaço e visibilidade nas páginas de jornais. Não diferente dos demais estados brasileiros, a população piauiense e, principalmente, a imprensa local foi alvo da censura imposta pelos órgãos de segurança do Estado.

É nesse contexto marcado pela falta de liberdade de expressão, que a pesquisa foca sua atenção no surgimento e atuação do jornal alternativo piauiense Chapada do Corisco identificando-o como um veículo de resistência à censura, que inovou no modo de fazer jornalismo e com isso, tornou-se uma importante fonte histórica para quem deseja recuperar esse momento ímpar da História Brasileira.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí-Brasil. Pesquisadora do NUJOC-Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação DCS-CCE-UFPI. Especialista em Comunicação e Linguagens e Graduada em Comunicação Social pela mesma instituição. Também Licenciada em História pela Universidade Estadual do Piauí-Brasil. marcela.jor@hotmail.com

No primeiro momento, o presente trabalho apresenta o jornal Chapada do Corisco ao abordar seus aspectos gerais, sua atuação no jornalismo piauiense e traços marcantes que compõem o jornalismo alternativo. E em seguida, parte para discussão teórica sobre o jornalismo como fonte histórica, lugar de memória e narrativas históricas. Será mesmo os jornais somente fontes históricas? O olhar subjetivo do jornalista ao narrar os fatos, ainda continua sendo um dos elementos que torna o jornal uma fonte insegura? O que faz do jornalismo um lugar de memória? A partir das contribuições de Certeau, além de lugar não seria também uma prática social? E o que considerar nas narrativas jornalísticas históricas?

Tais questionamentos permeiam a presente pesquisa que ao trabalhar com o jornalismo alternativo por muitas vezes se deparou com inúmeras dúvidas sobre essa intrigante relação História e Comunicação. Ao propor apresentar inicialmente o Chapada do Corisco pretende-se aqui no decorrer do segundo momento, o ter como objeto de análise para melhor visualizar essas questões e assim chegar-se a uma posição mais coerente e produtiva desse campo de pesquisa.

2

CONHECENDO O CHAPADA DO CORISCO

O Chapada do Corisco foi criado em 1976 na cidade de Teresina por um grupo formado por jornalistas, poetas e cartunistas que tinham como objetivo por em pauta de uma forma criativa assuntos ligados à conjuntura política, econômica e cultural vigente naquele período. O alto teor de criticidade nas matérias, os temas abordados, a presença marcante do humor visual são elementos marcantes nas páginas deste jornal e fortemente correlacionados ao contexto histórico.

Na década de 1970, o clima era efervescente e muitos conflitos sociais eclodiam em diversas partes do país. No governo de Emilio Garrastazu Médici, conhecido popularmente como anos de chumbo (1969-1974), os jornais, revistas, livros, peças de teatro, filmes, músicas e outras formas de expressão artística passam pelo controle da censura do governo. O país tem um crescimento econômico significativo, tornando-se um dos temas mais veiculados pelos grandes meios de comunicação, intimidados pelo regime.

No governo de Ernest Geisel (1974-1979), o índice de insatisfação popular é altíssimo, o país passa por crises econômicas e especificamente no ano de 1975, o jornalista Vladimir Herzog é assassinado, nas dependências do Departamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna em São Paulo, aumentando ainda mais o clima de revolta entre os profissionais da comunicação e também intelectuais que eram contra o regime militar.

Em Teresina a situação não era muito diferente, embora a máquina repressora fosse mais “suave”. Por meio de eleições indiretas, o engenheiro Alberto Silva assume o governo do Piauí no dia 15 de março de 1971, dando início a uma série de reformas, construções e criação de órgãos e projetos sociais. O mandato é marcado por grandes obras, como a reforma do Hospital Getúlio Vargas, construção de estradas, do estádio Albertão, criação da Secretaria de Cultura, da Empresa Piauiense de Turismo e uma série de outros atos que compunham a propaganda institucional do governo. Após o governo de Alberto Silva assume Dirceu Mendes Arcoverde que exerce seu mandato de 1975 a 1979, também marcado por grandes obras como o Centro de Convenções, o Ginásio de Esportes Verdão e a Estação de Tratamento de Água. Contudo, os meios de comunicação viam-se limitados por uma censura imposta pelo governo que os impedia de divulgar fatos negativos que manchassem a imagem do governo.

Os jornais locais não falavam de outra coisa, dentre suas matérias, a maioria retratava as ações do governo federal que fomentava o desenvolvimento do país e as inaugurações das obras do governo. As censuras desmedidas, as ações autoritárias, a falta de liberdade de pensar e de expressão continuavam e eram omitidas. Os grandes jornais como O Dia e Correio do Povo calavam-se diante dos atos do regime militar.

Foi nesse contexto que surgiu os jornais alternativos do período da ditadura militar. Chamada alternativa ou nanica, essa segunda expressão é dada pelo formato reduzido destes jornais e à estrutura de pequena empresa, que não dispunham de grandes recursos financeiros e incentivos governamentais. Segundo definição do Fórum de Mídias Alternativas da Argentina citada por Moraes,

Comunicação alternativa é aquela que atua como uma ferramenta para a comunicação no campo popular, sem deixar de lado a militância social, ficando implícito que jornalista e/ou comunicadores devem estar dentro do conflito, sempre com uma clara tendência a

democratizar a palavra e a informação (...) Os veículos devem ser independentes do governo, do Estado e das corporações, sujeitando-se especificamente “a um projeto de transformação social” (2008, p.44)

Braga (1991) aponta que a imprensa alternativa preenche um espaço vazio deixado pelas grandes empresas em virtude das condições políticas dos anos 70, e mais “a repressão feita pelo regime sobre a imprensa em geral criou as condições nas quais estes jornais ocuparam um espaço deixado vazio pelo conformismo dos grandes jornais” (1991, p.236).

A imprensa alternativa tem como características principais um conteúdo crítico, analítico e denunciativo, a falta de organização empresarial e hierarquia, a predominância do gênero opinativo nas matérias e uma equipe diversificada de colaboradores.

Cineas Santos (2006), idealizador do jornal ressalta que na época havia muitos jornais alternativos no Brasil, “havia o jornal De fato, o Co-jornal do Rio Grande do Sul, Selva no Acre, o Pasquim. Com esses jornais havia um intercambio, nós mandávamos exemplares e recebíamos deles”. Para ele, a motivação da criação do jornal deu-se por conta do momento histórico “a gente vivia o regime militar, havia a imprensa grande que não noticiava o que interessava pra gente e ai veio essa febre de jornais, como o João Antonio chamava de “jornais nanicos”, um movimento de época mesmo ligado à conjuntura política, cultural do país”.

O jornal tinha uma tiragem de mil a dois exemplares, a definição de seu público-alvo dava-se por um público alternativo que fazia oposição à ditadura. O seu perfil editorial incluía poesia, conto, matérias sobre a cidade, entrevistas, charges, cartuns e cultura. Um dos traços característicos dos dois jornais é justamente a forte presença de imagens, sejam cartuns, charges, desenhos. No Chapada do Corisco os temas abordados nas charges, a maioria, estavam ligados ao momento político.

A relação do Chapada com outros meios de comunicação não era muito boa. “Os jornais, via de regra, sacaneavam conosco. O Pompilio Santos¹ escreveu uma vez um editorial dizendo que o jornal era um conservador, alienado, que o nome do jornal devia ser Corisco na Chapada e não Chapada do Corisco, até o nome era ruim”,

¹ Jornalista do Jornal O Dia na época.

relembra Santos (2006). Tal crítica revela até que ponto o jornal incomodava a grande imprensa.

A maior dificuldade do jornal dava-se por questões financeiras e estruturais, não havia uma organização, local de trabalho adequado e verbas para financiar o jornal, quem financiava era o próprio Cineas Santos. Segundo ele, o jornal dava muito prejuízo por isso não teve condições de dar continuidade. A sua impressão era feita na gráfica Prelo e a diagramação, capa e algumas ilustrações quem fazia era Albert Piauí manualmente.

Por muitas vezes, a polícia questionava as produções do jornal, mas em momento algum chegou a sofrer repressões severas ou ter o material censurado, impedido de circulação. Cineas Santos relata como acontecia a intervenção da polícia:

O jornal até tinha muitos problemas com a censura, toda vez que o jornal saía a polícia federal ia lá em casa me procurar. A pergunta sempre era a mesma: quem bancava o jornal? Quem estava se escondendo sob o pseudônimo de Chicote? E queria até saber quem se escondia com o pseudônimo Wander Piroli, eles achavam que Wander Piroli não era nome do autor e sim um pseudônimo e então tinha problemas(2006).

Quanto ao nível de aceitação, em seu espaço “Cartas” o leitor manifestava sua opinião a respeito da edição anterior ou de qualquer outro ponto que quisesse divulgar seu ponto de vista. Bastante positiva, a aceitação do público dava-se não somente entre leitores teresinenses, mas também de piauienses que moravam em outros Estados ou que tiveram acesso ao jornal por meio de correspondência. A seguir vem o conteúdo da carta de José Louzeiro do Rio de Janeiro veiculada no Jornal Chapada do Corisco nº08 que revela o grau de indignação dos leitores com a posição adotada pelos grandes meios e também tece elogios pela originalidade e coragem dos que fazem o Chapada:

Caro amigo Cineas Santos:
Recebi e agradeço pelo “Chapada do Corisco”. É uma boa. Quem não tem cão caça com gato. O importante é não seguir o exemplo dos acovardados, dos intelectuais a serviço do sistema, que vivem de braços cruzados e reclamando da vida, embora um tanto envergonhados. Achei um ótimo tablóide.

A análise de cartas como essa permite não apenas saber como os acontecimentos ocorreram, mas também como foram percebidos. Essa boa relação com

os leitores e também com jornais alternativos de outras regiões garantia credibilidade e força ao movimento. Um amparava-se no outro, não era mais um esbravejar solitário e sim um grupo de insatisfeitos que objetivavam criticar os fatos.

JORNALISMO COMO FONTE HISTÓRICA

Tendo em vista a atuação do Chapada do Corisco na história do jornalismo piauiense durante a década de 1970, eis que surge a questão: será mesmo uma fonte histórica?

O jornalismo não é somente uma mera fonte histórica, ele é tido como um elemento de construção da memória social. Considerado antes uma fonte insegura, o presente artigo defende o jornalismo como fonte histórica, por reconhecer uma fonte inesgotável de informações ali contidas, permitindo uma leitura diferenciada dos demais documentos. Conforme Luca (2006) na década de 1970 havia certa relutância em utilizar os impressos para se escrever a história da imprensa, em ter os jornais como fonte. Isso porque a história tradicional buscava fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, distanciadas do seu próprio tempo, algo que para aquela época não correspondia com o jornalismo por ser considerado apenas relatos fragmentados dos acontecimentos permeados de subjetividades, distorções e parcialidades. Com o tempo a abordagem das pesquisas históricas ganham novas dimensões e com a Nova História, tem-se uma série de novas possibilidades de problematizações e abordagens ao se fazer história, permitindo assim o jornalismo e muitos outros instrumentos sociais considerados objetos de estudo.

A partir daí, os periódicos passam a ser objeto de estudo em que não somente confirmam as análises apontadas por outros documentos, mas também são vistos como instrumentos de intervenção social carregados de sentidos.

As considerações apontam, portanto, para um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve *a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delinea uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos na crítica competente* (LUCA, 2006, p. 141, grifos da autora)

Segundo Certeau (LE GOFF; NORA, 1995), toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção sócio, econômico, político e cultural. Para ele, a história é produto de um lugar, ela é resultado de um conjunto de práticas. Práticas estas articuladas no seio da sociedade e que movem para a transformação.

A atuação dos jornais alternativos configura uma prática social que compõem a história do jornalismo, inseridos na sociedade e com práticas diferenciadas dos demais meios de comunicação, sua relevância está no modelo de jornalismo proposto e o que deve ser repensado. Até que ponto os interesses governamentais e financeiros das empresas de comunicação comprometem a prática jornalística? Como os alternativos conseguiram preencher essas lacunas deixadas pela omissão da grande imprensa? Essas e muitas outras perguntas perpassam pela atuação dos jornais alternativos que conseguiram fazer história na história do jornalismo e da sociedade durante o regime militar brasileiro.

A prática dos grandes jornais põe em xeque o jornalismo e seus verdadeiros interesses. Como Romancini e Lago,

o jornalismo é uma prática social que não se resume às suas tecnologias e técnicas de produção, na verdade, o fenômeno global do jornalismo está profundamente ligado ao contexto sócio-histórico, com o qual interage. Ao mesmo tempo em que reflete características deste contexto e noticia os fatos correntes, o jornalismo atua nos acontecimentos e no processo histórico, numa relação complexa (2007, p.12).

Tendo como base as reflexões de Ricoeur (2010), a narrativa empregada nos jornais consistem numa representação da realidade em curto prazo. Ao tê-la como objeto de análise parte-se para uma explicação histórica que reconhece a intriga e as intencionalidades presentes na narrativa. Para ele, o historiador deve reconhecer o elo que liga a realidade e sua representação, a objetividade dos fatos e as subjetividades da narrativa dos fatos. “A intriga é pois um conjunto de combinações através do qual os acontecimentos são transformados em história ou uma história é tirada de acontecimentos” (RIBEIRO; FERREIRA, 2007, p.20)

Pela perspectiva de Ricoeur (2010) podemos considerar a censura como a intriga que conduz o surgimento de jornais alternativos, que alimenta o movimento de resistência e traz para si o olhar da história, que faz com os fatos ganhem narrativas.

Mas como fugir dessa onda silenciadora que predominava na sociedade? Uma ferramenta utilizada pelos jornais alternativos foi o humor visual. Charges, cartuns e quadrinhos refletem questões devidamente contextualizadas com o momento vivenciado. Segundo Déa Felon, essas novas fontes precisam ser desvendadas para delas extrair o não dito, as entrelinhas e aquilo que potencialmente permite olhares e leituras diversas (1993, p.77).

O jornal fez uso de charges, cartuns, quadrinhos e caricaturas para criticar os atos repressores do Governo do Estado. Abaixo um dos quadrinhos que enfatiza a importância desses recursos gráficos.

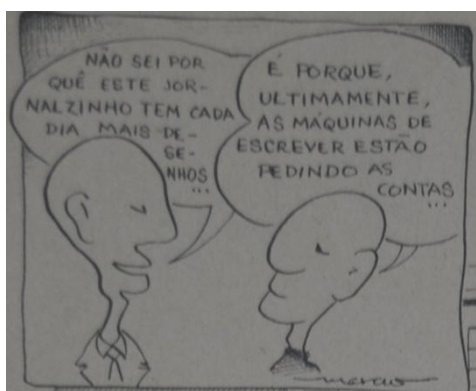


Figura 1: Jornal Chapada do Corisco, ano 1, nº5, Teresina: 1977

O quadrinho ressalta a grande quantidade de humor visual no jornal. De traços simples, sem muitos recursos gráficos, em impressão monocromática, e com personagens caricatos, o quadrinho traz de forma concisa e clara, a mensagem sobre o movimento de resistência que tem como aliado principal o humor em boa parte de jornal. A utilização dessa ferramenta é dada para diversos fins, como atrair o público leitor, tornar a leitura mais agradável, leve e também criticar as ações do governo sem que a fiscalização perceba-se. Um elemento que exige um estudo aprofundado e como Felon (1993) ressalta permitem leituras diversas sobre determinado momento histórico.

JORNALISMO COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Como prática social, o jornalismo alternativo, em especial aqui o Chapada do Corisco, também constitui um lugar de memória, que sacraliza momentos, fatos e dialogam com a narrativa histórica. O jornalismo alternativo alimenta a consciência de uma memória que muitos buscaram silenciar. Como Nora enfatiza

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. E por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar a incandescência a verdade de todos os lugares de memória. (1993, p.13)

Sendo assim, o jornalismo além de um lugar de memória, capaz de resguardar fatos por muitos outros lugares de memória silenciados, também é um das instituições sociais que alimenta a memória coletiva. Um verdadeiro campo de disputas, em que memórias individuais, memórias oficiais do Governo e memórias reproduzidas nos jornais estão em constante processo de negociação. Pollak (1989) ao trabalhar com memória, esquecimento e silêncio, chama atenção para alguns aspectos desse processo de constituição de várias memórias.

Essa memória 'proibida' e portanto 'clandestina' ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado, que pretende dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória (1989, p.5)

Algo que nos remete a um outro conceito, trabalhado por Pollak, de memórias subterrâneas que consistem em discursos não-ditos silenciados pelo discurso oficial do Estado. Esse intrincado campo de disputa revela que a memória coletiva é também tida como um instrumento de poder, resultado de uma luta entre dominados e dominantes, entre o que merece estar vivo na memória da sociedade e o que deve cair no esquecimento ou silêncio.

Em virtude disso, Le Goff (2003) defende por uma democratização da memória social que deve ser defendida pelos profissionais científicos da memória, “antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos” (2003, p.471). Para o autor, “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (2003, p.471).

a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para (...) prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, (...) os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p.32)

Ter os jornais alternativos como lugares de memória, reconhece-se aqui o papel importante desses meios na conjuntura sócio, política e cultural de determinado momento histórico, como instrumento de intervenção e representação social dos fatos. Como Nora ressalta, cabe ao historiador problematizar essa memória, esses lugares de memória. Apesar da curta duração, a atuação do Chapada do Corisco marcou a história do jornalismo piauiense como seu formato criativo e dinâmico no ato de informar, entreter e comunicar. Tal jornal proporcionou espaço livre para manifestação de opiniões sobre diversos assuntos, principalmente os temas censurados. Como contraponto a imprensa oficial, interfere no rumo da história e introduz narrativas diferenciadas dos demais documentos da época, uma fonte privilegiada de informações, revelações e significações do passado.

Considerando que esses jornais hoje servem como fontes históricas de estudos, é através das produções alternativas que se percebe que a realidade não era da forma como os grandes jornais divulgavam. As críticas, cobranças e ironias das produções alternativas nos fazem rever esse momento histórico, algo que revela a importância desses veículos.

O narrar, ver e sentir do historiador se assemelha com o narrar ver e sentir do jornalista no ponto em que ambas narrativas dão vida ao acontecimento, por serem lugares de produção de sentidos. A ditadura militar por exemplo, possui várias camadas de sentido, produzidas desde o início do momento histórico, o que permite uma

confrontação de memórias em que uns preferem o esquecimentos, outros o silenciar e o manifestar.

Como se trata de um período conturbado, em que se buscava maquiagem a realidade e deixar a sociedade excluída dos reais acontecimentos, os jornais alternativos acabavam sendo um meio no qual a sociedade tinha acesso a abordagens diferenciadas de vários temas ligados à cultura, política, educação, esporte, literatura e muitos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação e história: um universo de possíveis. In: RIBEIRO, Ana Paulo Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (orgs.) **Mídia e Memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BRAGA, José Luiz. **Pasquim e os anos 70**: mais pra epa do que pra oba. Brasília: UNB, 1991.

CERTEAU, Michael. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

FENELON, Déa R. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. In: **Projeto história**. São Paulo: PUC, 1993.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo; EDUSP, 1999.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: BASSANEZI, Carla Pinsky (Org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP, 2003.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

JORNAL CHAPADA DO CORISCO. Teresina, ano 01, nº05, 1977.

JORNAL CHAPADA DO CORISCO. Teresina, ano 01, nº08, 1977.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

SANTOS, Cineas. Entrevista concedida à Marcela Miranda Félix dos Reis. Em 29 de junho de 2006.